

Fundamento e Construção em Anderson Braga Horta

Pedro Lyra

Ao tentar, no ensaio “A poesia na pós-modernidade” (publicado com o título de “O lugar da poesia” no jornal Rascunho n° 97. Curitiba, maio de 2008, p.20-21), identificar a atitude dominante na Poética de cada momento histórico, aponte o investigar para conhecer como típico do Clássico, na sua busca preferencial pela Verdade do ser; o expressar para fruir, como típico do Romântico, na sua obsessão pela Beleza; o denunciar para transformar, como típico do Realista, no seu empenho por Justiça social; e o conhecer-se para justificar-se, como típico do Moderno, em decorrência do transe da poesia, banida do cotidiano das pessoas comuns pela cultura de massa triunfante. (Do Pós-moderno, considerando a banalidade da sua poética, aponte apenas a performance pela performance.)

A metapoesia – aquela peça que é, ao mesmo tempo, o fundamento e a construção de uma poética – foi praticada em todas as fases dessa evolução, mas foi só na modernidade que ela, diante das exigências de consciência técnica impostas ao poeta contemporâneo pela racionalidade da cultura tecnocrônica, assumiu o caráter de forma típica. Todos os grandes poetas modernos (e não apenas em nosso país) deixaram a sua visão

da poesia e da função do poeta não em longos ensaios, mas em bem elaborados poemas. Logo nos primórdios, foi Bandeira, com sua renovadora “Poética”; no grupo de 30, foi Drummond, principalmente com sua bem sucedida “Procura da poesia”. Na geração de 45 estão os dois mais contumazes praticantes: João Cabral, em quase todos os seus livros, e Gilberto Mendonça Teles, particularmente em Arte de armar.

A geração seguinte, a de 60, desenvolveu a tradição: Carlos Nejar, Affonso Romano de Sant’Anna, Ivan Junqueira, Marcus Accioly, Fernando Py, Ildásio Tavares, Reinaldo Valinho Álvares, Adriano Espínola, Roberto Pontes, Linhares Filho, Marly de Oliveira, Adélia Prado, Olga Savary, Neide Archanjo (e tantos outros, que reuni em Sincretismo – A poesia da Geração-60. Rio, Topbooks, 1995) apresentam uma considerável quantidade de bons poemas que exploram a própria poesia.

Pois agora outro expressivo nome dessa geração acaba de reunir num volume de 254 páginas todos os metapoemas que escreveu ao longo de mais de meio século da sua trajetória – dos 16 aos 76 anos: Anderson Braga Horta, radicado em Brasília, no livro Signo – Antologia metapoética.

“Trajetória” é bem a palavra para condensar este livro. Na apresentação, o poeta declara “a intenção de traçar uma trajetória – em que estão representadas as tendências do século, desde o romantismo tardio dos primeiros poemas até à profissão de fé simbolista de “Gênesis”, desde o ideologismo da lira social até o formalismo das vanguardas mais recentes” (p.7).

Assim, ele divide o conjunto em 4 blocos: no 1º), que intitula o próprio livro e ocupa mais da metade do volume, reúne “poemas voltados para a linguagem, a palavra, a criação, o canto, o poeta”; no 2º) “Celebrações”, homenageia poetas da sua família literária, com “peças que se debruçam sobre a inspiração de outros poetas”, numa atitude rara pela elegância do reconhecimento da dívida para com antecedentes ou companheiros; no 3º) “Sonetos de Guilherme de Almeida”, reincide na tentação que assaltou alguns outros poetas: a de consumir os que o Príncipe deixou restritos às “Chavesde-ouro para 11 sonetos que não foram escritos”, de Poesia vária; no 4º) “Notas e fragmentos”, justifica em verso e em prosa a prática metapoética: “Meditar sobre poesia pode equivaler, nalguns momentos felizes, a fazer poesia” (p.8). Claro que equivale – e qualquer poeta-crítico endossa e comprova a tese: não são tão raros os casos em que um poema gerou um ensaio e/ou de um ensaio se extraiu um poema.

Na primeira nota, ele esboça um amplo conceito de poesia, caracterizando-a intuitivamente sob os três estados em que ela pode se apresentar: 1º) como potência: “o que [o poeta] percebe (ou que vive)”; 2º) como processo: “o convívio silencioso, o que sinto, ou pressinto”; 3º) como objeto: “um pobre artefato” (o poema) “que

não retém a poesia” (p.230). Como esses três estados são rigorosamente os três que, pelos termos em *italic*, identifiquei no livro *Conceito de Poesia* (São Paulo, Ática, 1986), permito-me discordar da terceira proposição: pois o objeto resultante do processo não é assim tão “pobre” e muitas vezes “contém a poesia”, sim. Exatamente como no próprio Anderson.

Aí estão alguns fundamentos da sua poética. Quanto à construção, deduz-se deles: uma poesia diversificada, de um contido lirismo (como nos sonetos de Guilherme, p.215-225) a um forte protesto (como no antológico “Um sonho”, inspirado no lema de Martin Luther King, p.166), numa sempre elevada dicção, do verso metrificado ao livre, com forte presença do soneto heróico ou alexandrino – forma em que (não obstante o peso da métrica e da rima em alguns casos) ele atinge altos momentos, como em “O bem e o belo” desta antologia (p.175) e em vários outros dos demais livros, claro que sobretudo em Soneto antigo, de 2009.

Anderson Braga Horta. (Signo – Antologia metapoética). Brasília, Thesaurus, 2010. 254p.

(*) Pedro Lyra é poeta e crítico literário. Organizador e apresentador da antologia *Sincretismo - A Poesia da Geração 60*.